

Semana Farrroupilha

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, quinta-feira, 19 de setembro de 2024



TÂNIA MEINERZ/JC



Tradição gaúcha resiste ao tempo e ultrapassa gerações

No mês de setembro, atividades celebram conquistas históricas do Rio Grande do Sul e marcam a resiliência e a solidariedade do povo gaúcho ao enfrentar desafios

REPORTAGEM ESPECIAL



TÂNIA MEINERZ/JC

Há quatro meses, a enchente fez com que versos como “sirvam nossas façanhas de modelo à toda Terra” e “não tá morto quem peleia” rompessem os limites líricos e se enchessem de sentido renovado

São tempos de uma revolução sem armas

O jeito de ser do gaúcho molda a recuperação do Estado em diferentes segmentos econômicos após as enchentes históricas de abril e maio

Lorraine Luz, especial para o JC

Desde maio, não é preciso recorrer aos livros de História – especialmente ao capítulo da Revolução Farroupilha (1835- 1845) – para entender por que motivos virtudes como coragem, valentia, bravura, força, resiliência e resistência estão associadas ao povo gaúcho.

Basta acompanhar as notícias, percorrer ruas, estradas ou cidades inteiras em reconstrução ou perguntar a qualquer brasileiro que assistiu aos desdobramentos de um dos maiores desastres socioambientais do País.

Há quatro meses, a enchente sem precedentes fez com que versos como “sirvam nossas façanhas de modelo à toda Terra”, do hino do Estado, e “não tá morto quem peleia”, canção de Os Farrapos, rompessem os limites líricos e se enchessem de um sentido renovado, quase palpável, como mantras de encorajamento e esperança.

“Sem dúvida, a tragédia resgatou as características de um povo

guerreiro, aguerrido e bravo, que estavam meio latentes”, comenta Luiz Henrique Hartmann, vice-presidente do Sindiatacadistas do Rio Grande do Sul. Não há um único segmento básico da economia gaúcha livre dos impactos do desastre.

Cientes do papel de protagonistas nas ações de um Estado que precisava renascer, as entidades representativas de setores importantes não tinham outra escolha que não a de colocar em prática, antes mesmo de ser ouvido, o chamamento que o secretário da Reconstrução do RS, Pedro Capeluppi, repete a cada oportunidade: “a gente precisa da sociedade e das lideranças discutindo as ações que vão ser empreendidas daqui pra frente. A reconstrução não é um papel só do governo do Estado, dos municípios e do governo federal, mas de toda a sociedade. Precisamos estar todos engajados e trabalhando em conjunto para atingir objetivos que são comuns”. Antes de parecer um recrutamento, a colocação atesta a complexidade da empreitada.

Enquanto alternam-se as urgências e variam as frentes de batalha na reconstrução, conforme a realidade local de cada segmento econômico, restou apenas uma certeza a todos: a índole diligente

e trabalhadora do gaúcho faria a diferença. “Houve empresas que perderam mais de 100 veículos. E outra que perdeu metade de sua frota. São perdas significativas, pesadas. Mas elas seguem firmes no mercado”, destaca Francisco Cardoso, presidente da Federação das Empresas de Logística e Transporte de Cargas no Rio Grande do Sul (Fetransul).

“O gaúcho ama sua terra e cultura, tem autoestima elevada, isso sabemos. E as tragédias unem as pessoas em solidariedade. Temos confiança em nossa recuperação, por certo”, acredita o dirigente.

Para Ivonei Pioner, presidente da Federação Varejista do Estado, a capacidade de se recompor é surpreendente porque passa pela mão do empreendedor gaúcho. “É uma questão de atitude de um povo que foi forjado com muita resiliência ao longo da sua história, sempre com muito foco, energia para o trabalho e para construir os seus sonhos. O comércio foi reabrindo, alguns inicialmente apenas por telefone, vendendo seus produtos, outros depois abriram com poucos produtos”, exemplifica.

Como presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Antônio Cesa Longo teve conhecimento de dezenas de

histórias inspiradoras, como supermercados emprestando equipes e equipamentos para o recomeço de antigos concorrentes, além da solidariedade de fornecedores, que garantiram bonificações e extensões de prazos. “O povo gaúcho certamente mostrou seu brio e sua força, seu espírito solidário”, resume.

A união e o apoio mútuo explicam a capacidade de resistir e superar os problemas, como pontua Leandro Gindri de Lima, diretor-executivo da Central Sicredi Sul/Sudeste: “vimos, na prática, os princípios do cooperativismo em ação para salvar vidas e ajudar quem mais precisava. O povo gaúcho, historicamente protagonista de suas ações, se mostrou, mais uma vez, solidário e capaz de enfrentar adversidades. Sabemos que o processo de recuperação é longo e demandará o esforço coletivo”.

A solidariedade ignorou fronteiras. Brasileiros de diferentes pontos do País têm crédito na injeção de ânimo que a onda de doações promoveu. “Além de reafirmarmos nossa identidade de coragem e valentia, recebemos a comprovação de como somos admirados pelos brasileiros de outros estados”, lembra o presidente da Agas.

À frente do Sindiatacadistas,

Hartmann também faz referência à importância da ajuda de governos de outros estados e de voluntários, incluindo os que vivem no exterior.

Para Cardoso, da Fetransul, o respaldo sem fronteiras teve mais um componente: “Observei um despertar de consciência sobre nossa contribuição para o sistema federativo do País. Historicamente, contribuimos com muito mais do que retorna para cá. Há uma compreensão de que somos credores de ajuda, por conta de nossa trajetória socioeconômica”.

Testemunha da experiência voluntária ativa no varejo, durante este capítulo triste para os gaúchos, Pioner acredita que as pessoas saíram transformadas. “É impossível não mudar se você tiver contato com alguém que perdeu tudo”, justifica, fazendo um apelo a quem não viu sua cidade tão afetada ou não se envolveu de alguma forma com a reconstrução: “Espero que possam se envolver agora, que possam ir até esses locais e conversar com quem passou por tudo isso. Que não percam a oportunidade de serem tocados pela empatia e percebam que, quando não temos mais ninguém, descobrimos que temos uns aos outros. Isto é sobre a importância daquele que eu nunca checi ser vital na minha vida”.

HOC

PLANO RIO GRANDE

TODOS NÓS POR TODOS NÓS

JUNTOS, VAMOS DEIXAR O ESTADO AINDA MAIS FORTE E VOLTAR A VER O BRILHO NO OLHAR DE TODOS OS GAÚCHOS E GAÚCHAS.

O Governo do Estado conhece a garra que cada rio-grandense leva no coração. Inspirado nela, desenvolveu iniciativas de Reconstrução, Adaptação e Resiliência Climática, que propõem medidas para enfrentar os desafios causados pelas enchentes. Tudo para deixar o Estado ainda mais forte, mostrar o orgulho da nossa gente e servir novas façanhas de modelo a toda terra.



Quer saber mais sobre o PLANO RIO GRANDE e ver tudo o que estamos fazendo para reerguer o nosso Estado? Acesse planoriogrande.rs.gov.br ou aponte a câmera do seu celular:



REPORTAGEM ESPECIAL

Para Agas, setor supermercadista está se reconstruindo no Rio Grande do Sul

O setor de supermercados do Rio Grande do Sul superou a crise das enchentes não sem traumas, já que 15% das lojas afetadas

pelos cheias não deverão reabrir suas portas, mas com o exemplo da capacidade regenerativa dos gaúchos.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Entidade deflagrou a campanha Ajuda Sul, mapeando empresas atingidas, conta Longo

Fundamentais no abastecimento de itens básicos à população, esses estabelecimentos funcionam como termômetro do nível de tensão da sociedade.

A regularização das atividades rapidamente, mesmo diante de muitos gargalos logísticos e estradas fechadas, foi fundamental. Para Antônio Cesa Longo, presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), a Expoagas 2024 marcou a virada de chave para a superação não apenas de supermercados, como de produtores, distribuidores e indústrias ligadas ao varejo. “Com crescimento de 8% nas negociações deste evento, o setor mostrou que está se reconstruindo”, afirma, em referência à feira realizada em agosto, mais de 100 dias

após o maior desastre climático da história do Estado.

Segundo a entidade, 331 supermercados foram afetados diretamente pela enchente de maio. Para o enfrentamento da crise, a Agas deflagrou a campanha Ajuda Sul, a partir do mapeamento de 661 empresas de diferentes segmentos atingidas pelas cheias.

Associando-se a outras instituições e empresas do setor supermercadista, a entidade esteve envolvida com ações como a fabricação e entrega de 20 casas na região de Arroio do Meio, a aquisição de um drone pelo qual o Corpo de Bombeiros salvou vidas, a doação de mais de 20 mil embalagens para marmitas, 14 mil cestas básicas, 7 mil kits de limpeza e 6 mil cobertores, além de

ações pontuais em regiões mais afetadas.

Como forma de apoiar o consumidor e o comércio, a Agas também está promovendo a distribuição de R\$ 1,5 milhão em vale-compras para supermercados sortearem ou distribuírem a clientes.

Segundo Longo, a entidade também se movimenta, junto ao governo, para apoiar empresas que não conseguiram acessar recursos de reconstrução. E ainda há problemas a serem superados. “Os principais são logísticos, com estradas prejudicadas, pontes ainda não reconstruídas”, relembra. “O Trensurb parcialmente inoperante e o aeroporto da Capital sem utilização, também. Precisamos reconstruir a malha logística para a reconstrução”, conclui.

Fetransul vê um extenso caminho pela frente

Os níveis de resiliência exigidos estão entre os mais altos para os gaúchos que atuam no segmento de logística e transporte de cargas. Não se reconstrói uma ponte rapidamente, reconhece Francisco Cardoso, presidente da Federação das Empresas de Logística e Transporte de Cargas no Rio Grande do Sul (Fetransul). “Sabemos que a recomposição plena da infraestrutura rodoviária obedece a um ritmo diferente, mesmo na condição emergencial. Temos um extenso caminho pela frente”, sentença.

O dirigente afirma que a resiliência também se impõe frente a uma realidade de escassez de crédito para investir na recuperação. “Os fartos recursos anunciados pelo governo federal não ficaram disponíveis para a maioria dos setores, inclusive o nosso. Exigências desmedidas às circunstâncias

dificultaram o acesso ao crédito. A restrição à chamada ‘mancha de inundação’ igualmente desconsiderou a dinamicidade de nossa atividade econômica”, observa.

A saída encontrada pelo setor foi se adequar aos ritmos diferentes impostos a cada situação particular, reagindo à medida que os fatos iam se revelando. A expectativa é de que a recomposição plena se dê a médio prazo. Na atualidade, empresas que sofreram perdas materiais estão reconstruindo, renovando, negociando indenizações com as seguradoras. Algumas estavam melhor preparadas do que outras. “Mas não temos conhecimento de organizações que tenham falido ou desistido de continuar”, observa.

Um número considerável de transportadoras perdeu veículos e teve seus terminais alagados durante o ápice do desastre climático.

Uma das primeiras iniciativas da federação foi criar um grupo, o Fetransul Solidariedade, reunindo as principais lideranças do setor e grandes empresários. Ali eram trocadas informações e combinadas ações de apoio às comunidades. Ao tomarem conhecimento dessa organização, as autoridades passaram a demandar abastecimento de roupas, alimentos, colchões, água etc, inclusive vindos de fora do Estado.

“Realizamos cerca de 3 mil carregamentos de cargas para cidades inundadas. Muitas foram trazidas de outros estados. Tivemos oferta de abastecimento de água mineral até do Piauí. Foi uma imensa logística, toda ela feita em nome da solidariedade”, recorda Cardoso.

A entidade, por meio de uma equipe em home office, também



TÂNIA MEINERZ/JC

Francisco Cardoso cita o Fetransul Solidariedade, grupo que ajudou autoridades

centralizou informações sobre bloqueios de rodovias, servindo de referência para a imprensa informar sobre a ameaça de falta de abastecimento. “Uns 45 dias após o início da enchente, saímos da etapa da solidariedade no abastecimento das comunidades e passamos a

nos engajar em ações públicas com as demais entidades empresariais, com o meio político e os governos federal e estadual. Passamos a integrar comitês públicos de reconstrução. Continuaremos nesta linha para dar voz ao setor perante as autoridades”, afirma o dirigente.

Com esforço e união, Sindiatacadistas relata recomposição acima da expectativa



MARCO QUINTANA/JC

Hartmann comenta que setor teve de fazer série de alterações em rotinas de trabalho

Sirvam nossas façanhas de modelo a toda Terra. Este verso do Hino Rio-grandense ilustra com propriedade cenas testemunhadas no universo atacadista do Estado. “O que mais impressionou foi o esforço e a união do empresário e suas equipes de colaboradores, buscando colocar o negócio novamente em operação, envolvendo desde a mobilização para a limpeza”, afirma Luiz Henrique Hartmann, vice-presidente do Sindiatacadistas RS.

Segundo o dirigente, sem esse engajamento espontâneo, nada seria possível, porque até um mês após o ápice do desastre vários atacadistas enfrentavam problemas

sérios, mesmo com a baixa das águas, como falta de internet e de energia elétrica, impedindo a emissão de notas fiscais. “A capacidade de recomposição do segmento está acima da expectativa, mas foi difícil, e ainda temos associados que estão sofrendo consequências bastante significativas”, observa.

O dirigente se refere, especialmente, às dificuldades de logística e à necessidade de recursos financeiros a custos baixos e prazos estendidos para que a capacidade de operação retorne aos seus patamares. “As linhas de financiamento oferecidas pelo governo, na prática, nem sempre chegam a quem

necessita de fato”, afirma. Por isso, é prioridade na entidade buscar junto ao BNDES e agentes financiadores melhores condições. Em julho, o presidente da entidade, Zildo De Marchi, projetou que de 40% a 50% das empresas tiveram algum prejuízo, direto ou indireto.

Outro ponto-chave, as relações de trabalho precisavam de todo um reordenamento. As sete entidades sindicais empresariais do comércio atacadista se anteciparam ao governo federal e adotaram regras que buscassem atender as diversas situações enfrentadas por empregados e empresários por meio de acordo com sindicatos laborais.



**Não é só uma celebração.
É manter viva a força
da nossa história.**

No Sicredi, há mais de 120 anos, honrar nossa tradição é estar ao lado do povo gaúcho, para construir juntos a história e o futuro do nosso Rio Grande do Sul.



REPORTAGEM ESPECIAL

Cada história de retomada no Estado é única no dia a dia da cooperativa Sicredi



SICREDI/DIVULGAÇÃO/JC

Lima lembra que 89 agências foram impactadas, mas atendimento não parou

Poucos segmentos da economia puderam testemunhar tão de perto como a Sicredi pôde a variedade de facetas de uma das virtudes mais associadas ao povo gaúcho: a coragem – no caso, para recomeçar. “Cada história de retomada é única e tem seu peso e valor. Temos muitos relatos de superação, tanto de empresas como de pessoas”, afirma Leandro Gindri de Lima, diretor-executivo da Central Sicredi Sul/Sudeste.

A cooperativa Sicredi está presente em 97% do Estado, com mais de 680 agências. Do total de associados nas localidades atingidas, cerca de 1,5 milhão são pessoas físicas, 230 mil são associados pessoas jurídica e 270 mil são

produtores rurais do Rio Grande do Sul.

Com relação às linhas de crédito emergenciais do governo federal, a instituição, como entidade repassadora, já liberou mais de R\$ 1,5 bilhão para associados. “Buscamos apoiar da forma mais ampla possível e não somente fazer os recursos financeiros emergenciais chegarem aos associados”, observa o diretor-executivo da instituição.

Próprio ou em parcerias, 16 centros de arrecadação e distribuição de donativos foram instalados em mais de 10 cidades para auxiliar colaboradores e suas famílias, associados e comunidades. As ações conseguiram juntar

quase 700 toneladas de doações.

O Sicredi também arrecadou recursos por meio de campanha nacional, que somaram mais de R\$ 20 milhões, destinados à compra de recursos e mantimentos. É da essência do cooperativismo que suas organizações surjam para melhorar as condições de vida de uma comunidade, especialmente em momentos críticos.

Só que, neste caso, o próprio Sicredi estava entre os atingidos. Durante as cheias, 89 agências acabaram diretamente impactadas e, enquanto se reconstruíam, mantiveram o atendimento aos associados, atuaram no apoio aos resgates, na arrecadação e na entrega de donativos.

Consumo do varejo local vira bandeira

Estão nas regiões devastadas pelas chuvas de final de abril e de maio alguns dos maiores exemplos da resistência do povo gaúcho, como na cidade de Sinimbu, na região dos vales do Rio Pardiño. A lembrança é trazida pelo presidente da Federação Varejista do Estado, Ivonei Pioner, que recentemente visitou o local. As águas destruíram 100% do negócio de uma família, que tinha duas lojas e precisou recomeçar do zero. Hoje, ter conseguido reabrir uma delas é uma vitória.

“A cidade ficou incomunicável, e as pessoas, sem comida. Essa empresa usou os poucos recursos que ainda tinha para conseguir alimento para todos. A família proprietária tinha uma casa num lugar um pouco mais alto e chegou a abrigar algumas pessoas durante as cheias”, explica Pioner.

Segundo ele, o caso ilustra como a capacidade de reação foi além dos limites do negócio. “Mostra o entendimento das pessoas enquanto parte de uma cidade, e a força e coragem de começar de novo sem esquecer de ajudar os demais. É exemplo para todos.”

Mais de quatro meses depois do início da tragédia, a federação contabiliza ainda 3 mil empreendimentos de portas fechadas. Segundo o dirigente, não se trata de apenas reconstruir, mas de revisar a localização dos pontos comerciais. “Há lugares sem condições de receber famílias e empreendimentos”, destaca.

As áreas de risco precisam ser identificadas para impedir novos negócios ali. A Federação está envolvida, ainda, com a entrega de novo mobiliário e a aquisição de computadores para estabelecimentos que

perderam tudo. “Também é interessante aproveitarmos para repensar nosso negócio, porque muitas vezes essa é a chance que está sendo posta para nos reinventarmos”, alerta.

Desde os primeiros momentos do desastre, a entidade se comprometeu com diferentes campanhas. O Reergue RS coletou donativos às famílias atingidas, além de recursos e contribuições via Pix para auxiliar o comércio através das CDLS. Já o Movimento pelo RS é uma parceria firmada com a Stock Car para arrecadar doações em todas as etapas do campeonato, além de arrecadações em dinheiro.

Outro aporte financeiro, por meio de movimentos da CNDL e do SPC Brasil, com o Sicredi dobrando valor, também é citado por Pioner. Além disso, permanece em



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Ivonei Pioner destaca que dinheiro precisa gerar riquezas nas cidades gaúchas

foco a importância de incentivar o consumo de produtos gaúchos. “Quando a Federação precisa adquirir algo para uma cidade que está ajudando, compramos do comércio local. Nosso dinheiro precisa gerar riqueza nas nossas

cidades, então, seguimos empenhados nessa promoção para que as pessoas comprem do varejo local, de empresas gaúchas, fazendo girar a economia na cidade, porque isso vai dar perpetuidade aos negócios”, conclui.

‘Quem viveu esta tragédia sabe o quão desafiador foi’, afirma o CEO da Lojas Renner



RENNER/DIVULGAÇÃO/JC

Fabio Faccio lembra que Renner assumiu protagonismo em ações emergenciais

Que seria preciso força para reconstruir o Estado, qualquer um poderia supor ao perceber as dimensões da catástrofe climática. Mas o gaúcho deu provas de sua reação enérgica antes mesmo dessa etapa de reparação. O vigor do povo começou com uma onda de solidariedade tão intensa quanto o próprio desastre, servindo de inspiração e motivação. Uma das empresas do Estado mais atentas a essa contrapartida empática e sensível a esse contágio do bem foi a Renner.

“Agimos com rapidez para antecipar movimentos que dessem segurança e tranquilidade às

pessoas afetadas e criassem condições para que as demais, se assim desejassem, pudessem se engajar de alguma forma. Um exemplo disso foram aqueles que perderam praticamente tudo e, ainda assim, encontraram forças e dedicaram seu tempo para ajudar o próximo”, observa o CEO da Lojas Renner, Fabio Faccio. “Foi lindo ver a solidariedade se fortalecendo no momento mais crítico, e isso resgata a esperança na humanidade. Foi inspirador e emocionante. Quando você vê isso, encontra ainda mais estímulo para continuar”, completa Faccio.

Do ponto de vista de operação, a empresa foi pouco impactada.

Não teve prejuízo material e manteve o abastecimento de lojas porque não há centros de distribuição no Estado. Como marca local, identificada com o Rio Grande do Sul, logo a Renner assumiu um protagonismo em ações emergenciais, viabilizando resgates de vítimas, fazendo doações, promovendo voluntariado e dando assistência via Instituto Lojas Renner.

“Precisávamos fazer tudo o que estava ao nosso alcance para apoiar aqueles que haviam sido mais diretamente afetados, nos nossos times e fornecedores, além da população em geral”, argumenta o CEO da Renner.

Piratini aposta no Plano Rio Grande para reconstrução

A coordenação e a execução das ações de reconstrução, adaptação e resiliência climática estão reunidas no chamado Plano Rio Grande (planoriogrande.rs.gov.br), a partir de três eixos: emergencial (ações focadas no curto prazo), reconstrução (médio prazo) e Rio Grande do Sul do futuro (ações de longo prazo).

Os municípios têm até 27 de setembro para o envio de propostas a serem incorporadas ao Plano Rio Grande.

A seguir, de acordo com o que o portal do Plano informava até 12 de setembro, confira algumas das principais ações em cada eixo (especialmente aquelas com atualizações mais recentes).

● **Eixo emergencial: há pelo menos 53 projetos de curto prazo exibidos na plataforma do plano.**

▶ No início de setembro, quatro meses depois da calamidade, foi liberado o segundo lote de restituição do Devolve ICMS Linha Branca. O programa reembolsa o valor do imposto pago pelos cidadãos na compra de geladeiras, fogões e lava-roupas. Esta segunda rodada contempla 18,1 mil beneficiados.

▶ O Estado ampliou, em agosto, sua participação no programa do governo federal Minha Casa Minha Vida, liberando R\$ 12 milhões para a construção de 600 moradias para agricultores atingidos pelas enchentes de setembro de 2023 no Vale do Taquari.

▶ Até agosto, R\$ 14,7 milhões foram destinados à recuperação da Rodoviária de Porto Alegre. Uma reforma elétrica, além da pintura e de reparos nas áreas de embarque e desembarque interestadual e intermunicipal ainda dependem da contratação de empresa executora.

▶ O Estado realizou, no início de setembro, o pagamento do segundo lote do Aluguel Social e da Estadia Solidária, no valor de R\$ 1.250.400. Os recursos foram repassados aos fundos de assistência social de 17 municípios. São 521 famílias beneficiadas com R\$ 2.400, que correspondem a R\$ 400 pelo período de seis meses.

▶ No início de setembro, foi contratada a empresa Água e Solo Estudos e Projetos para execução de serviços técnicos na rede de monitoramento hidrometeorológico. O contrato, no valor de R\$ 1,2 milhão e com duração de 16 meses, inclui diagnóstico, recuperação e manutenção das estações de monitoramento danificadas por eventos extremos como a enchente de maio.

▶ O quarto pagamento emergencial a escolas estaduais gravemente afetadas pela enchente, no valor de R\$ 4,7 milhões, foi repassado no início de setembro a 83 instituições. Desde junho, mais de R\$ 55 milhões foram investidos em recursos adicionais para que as escolas atingidas pudessem realizar pequenos reparos e adquirir materiais e mobiliário.

▶ Estado e Banrisul anunciaram em julho uma linha de crédito especial, com juros subsidiados, para apoiar a retomada de MEIs, microempresas e negócios de pequeno porte afetados pelas enchentes. O chamado Pronampe Gaúcho disponibiliza R\$ 250 milhões em financiamentos, dos quais 40% (R\$ 100 milhões) serão

subvencionados pelo Estado. Também em julho, o anúncio do MEI RS Calamidades destinaria até R\$ 96 milhões para cerca de 22 mil para microempreendedores individuais não beneficiados previamente por outro programa do governo estadual.

● **Eixo reconstrução: há pelo menos 15 projetos listados na plataforma identificados como de médio prazo.**

▶ O programa Porta de Entrada foi anunciado no início de setembro e possibilita que famílias com renda de até cinco salários mínimos possam receber auxílio para o pagamento da entrada na compra de um imóvel. Serão investidos R\$ 70 milhões. Para outubro está previsto o Feirão da Habitação, com o objetivo de viabilizar a compra de 3.500 imóveis através do programa.

▶ O governo oficializou no início de setembro que Imóveis públicos estaduais serão utilizados para reduzir o déficit de habitação. O Programa de Gestão de Imóveis Públicos para Habitação e Interesse Social tem três eixos de atuação: retrofit em imóveis públicos, permuta por área construída e destinação de receitas de alienações.

▶ Identificado como projeto estruturante em andamento, o PPP (Parceria Público-Privada) Escolar prevê a requalificação da infraestrutura escolar de 99 escolas. No início de agosto, uma audiência pública apresentou o funcionamento da PPP a professores, diretores de escola, representantes de entidades sindicais e estudantes. Após a catástrofe de maio, das 2.338 escolas, 21 foram classificadas com alto grau de impacto, sendo necessária a sua reconstrução. Também foi aprovada a construção de duas novas escolas em

Capão da Canoa e Porto Alegre.

▶ Outro projeto classificado como estruturante diz respeito à reconstrução de pontes em rodovias estaduais severamente atingidas pela calamidade. Entre as ações mais recentes, datadas de agosto, está a ordem de início da construção de uma nova ponte na VRS-843, em Feliz, com previsão de conclusão para o segundo semestre do ano que vem. Outras sete estruturas de responsabilidade do Daer e uma da EGR estão em obras.

▶ O projeto A Casa é Sua - Calamidades, voltado para o Vale do Taquari, prevê a construção de 2.500 unidades habitacionais definitivas para as famílias que perderam residências no ciclone de setembro de 2023. Mas o que há de recente para a região, até agora, é a entrega de 28 moradias temporárias em Cruzeiro do Sul, no início de setembro. No final de agosto, o governador entregou 30 unidades do mesmo tipo para famílias de Encantado. No início de setembro, foi assinado o decreto que autoriza desapropriações em Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Roca Sales, visando à implementação de loteamentos habitacionais de interesse social destinados às vítimas da calamidade pública.

● **Eixo Rio Grande do Sul do futuro: há quase 40 ideias listadas na plataforma identificados como de longo prazo. Eis alguns desses projetos:**

▶ Em planejamento, por exemplo, estão: universalização de água e esgoto; revisão dos planos municipais de drenagem urbana por meio de incentivos e apoio técnico; levantamento Batimétrico na Região Hidrográfica da Bacia do Guaíba, Litorâneas e Bacia do Uruguai; Sistema de proteção de cheias (para Taquari-Antas, Caí,

Guaíba, Arroio Feijó, Jacuí); Centro de Referência Internacional em Estudos Climáticos (CRIAC).

▶ Entres os apontados como “em andamento” com notícia mais recente está o que diz respeito ao desassoreamento de rios. No final de julho, o governo lançou o primeiro edital do Programa Estadual de Pagamento por Serviços Ambientais (PEPSA) e o Programa de Desassoreamento, além do chamamento de 56 novos servidores da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam).

▶ Também em andamento, mas sem apresentar detalhes, estão projetos como: “Incentivos à retomada”, “Reconversão econômica”, Estudos de clusters, Revisão dos Planos Diretores (Mucum, Roca Sales, Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Colinas, Encantado e Estrela), Atração e manutenção de talentos, Sistema de proteção de cheias - Gravataí, Sistema de proteção de cheias - Sinos.

▶ Entre os projetos com status “não iniciados”, estão: estudo de backup do serviço elétrico (estruturação de uma rede resiliente de backup em momentos de crise) e seguros para empreendimentos em áreas de risco.

▶ Desde meados de agosto, está acessível uma área no Portal da Transparência do Estado dedicada ao detalhamento dos gastos do Rio Grande do Sul com a reconstrução após a calamidade pública decorrente da enchente de maio. Os dados totais de saldos e despesas já pagas pelos órgãos também são desdobrados conforme temas de interesse – como as despesas do Volta por Cima e do Fundo Estadual de Defesa Civil (Fundec), além dos recursos do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs). Confira em <https://www.transparencia.rs.gov.br/despesas/calamidade-publica/>

Força e união na retomada dos negócios

O Sindiacadistas, ao lado dos empresários, está atuando para reconstruir o RS após o recente desastre climático. Juntos, estamos focados na retomada econômica, apoiando negócios locais e impulsionando a recuperação do estado. Leia o QR code ou acesse www.sindiatacadistas.com.br e fique por dentro de nossas iniciativas.



INDÚSTRIA

Gaúchos se engajam em 15 projetos para reconstruir o RS

Iniciativas permitem que as comunidades possam restabelecer as suas rotinas

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Empresários e lideranças comunitárias gaúchas unem esforços para a reconstrução do Rio Grande do Sul. O espírito resiliente se sobressai, mais uma vez, em iniciativas que não dependem somente do poder público. Como, por exemplo, ações de apoio na realização de pequenas obras de infraestrutura em municípios afetados pela maior catástrofe climática ocorrida no Estado, em maio deste ano.

São iniciativas que permitem que as comunidades possam rapidamente restabelecer as suas rotinas diárias e as suas economias, viabilizadas por mecanismos que independem de ações governamentais e que geralmente são demoradas para serem viabilizadas.

Dentro dessas iniciativas, no momento, 25 projetos estão passando pela análise do conselho do Programa Reconstrói RS, que conta com recursos disponíveis ao redor de R\$ 85 milhões. Esses valores estão sendo destinados para reconstruir obras de infraestrutura. O programa foi idealizado pelo empresário William Ling e coordenado através do Instituto Ling e conta também com a parceria da Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul) e do Instituto Cultural Floresta.

A Família Ling foi responsável pela criação de um fundo com a doação inicial de R\$ 50 milhões. Essa iniciativa recebeu também contribuições espontâneas de outras empresas, famílias e amigos. De acordo com o presidente da Federasul, Rodrigo de Sousa Costa, 15 projetos foram aprovados, sendo na sua maioria pontes de pequeno porte, e agora outros 10 estão passando pela verificação do conselho especializado. “O objetivo desse programa é contribuir com iniciativas de lideranças locais, que imbuídas de espírito comunitário e associativo, estejam assumindo a responsabilidade pela realização de projetos de recuperação e melhorias de infraestrutura essenciais prejudicadas pelos fenômenos climáticos ocorridos no Estado”, salienta.

O dirigente informa que o primeiro projeto aprovado trata da obra da ponte no Rio das Antas, ligando os municípios de Cotiporã

e Bento Gonçalves. Esse projeto foi encaminhado pela Associação Comercial, Cultural e Industrial de Veranópolis. O orçamento desta ponte é de R\$ 4 milhões e essa obra irá beneficiar, quando concluída, ao redor de 50 mil pessoas. A previsão de término é para o final deste mês.

“Trata-se de uma ligação importante da Região Nordeste com municípios ao Sul do Estado e incluindo toda a Região Metropolitana, permitindo o escoamento de produção e de chegada de matéria-prima. É uma via alternativa importante para dar vazão ao fluxo da BR 470”, lembra.

Segundo Rafael Sittoni Goelzer, vice-presidente de Integração da Federasul, existe algo de diferente e que envolve um projeto como esse, ou seja, são obras mais “pensadas” às condições climáticas e também pelo legado que fica, resultante do vínculo de confiança criado entre a comunidade e a sua capacidade de gerar ações transformadoras.

Outro projeto que foi encaminhado pela Associação Comercial, Cultural e Industrial de Veranópolis diz respeito ao asfaltamento na ERS-437 entre Vila Flores e o município de Antônio Prado, absorvendo a demanda de tráfego que antes circulava pela BR-470. Essa obra está estimada em R\$ 10 milhões e o seu término está previsto para 30 de janeiro de 2025. A ERS-473 permite uma ligação importante com os municípios da região Nordeste do Rio Grande do Sul, também sendo um trajeto de turismo. A estrada também é uma via rápida para acessar o Litoral pela Rota do Sol. A ERS-437 passa a ser uma via alternativa para desafogar a BR-470.

O município de Encantado tem projeto aprovado para o bairro Santa Clara, com estudos geotécnicos em área de 200 hectares, levantamentos geológicos e contenção de taludes. Os trabalhos incluem a execução de curvas de nível, desvio e drenagem de água e muros de arrimo, aterros e limpeza de solo instável, afetados por deslizamentos de terras ocorridos em maio.

Esse projeto foi encaminhado pela Associação Comunitária Altos de Santa Clara e está orçado em R\$ 1,3 milhão, beneficiando entre 5 mil e 10 mil pessoas. A previsão de término desta obra é para 3 de julho de 2025. Essas benfeitorias do bairro Santa Clara vão dar segurança, permitir a mobilidade na região, garantia de moradias e auxiliar empresas impactadas pelos deslizamentos. Já a Associação Comercial,

Industrial e Empresarial de Ponte Preta encaminhou projeto, que já está aprovado, para o alargamento de ponte na divisa do município com Jacutinga, permitindo o escoamento da produção agrícola local e dando mais segurança à população. O município de Ponte Preta está em estado de calamidade e Jacutinga em estado de emergência. A obra está orçada em R\$ 1 milhão e o seu término está previsto para 31 de março de 2025.

A Câmara da Indústria, Comércio e Serviços do Vale do Taquari (CIC – Taquari) encaminhou projeto para edificação de ponte de concreto e estrutura de aço para atender a comunidade de Canhada Funda, no interior do município de Pouso Novo. Essa obra está estimada em R\$ 600 mil e o seu término está previsto para ocorrer no dia 27 de novembro deste ano. De acordo com a CIC – Taquari, a ponte irá permitir o escoamento da produção agrícola, dar mobilidade aos moradores, garantir o transporte escolar, além de beneficiar as pessoas em busca do sistema de saúde.

A Associação Comercial e Industrial de Montenegro (ACI – Montenegro) também teve o seu projeto aprovado. Trata-se da criação de um sistema de monitoramento, que parte do município de Montenegro e



Ponto sobre o rio Caí ligando Caxias do Sul a Nova Petrópolis foi uma das ações

acompanha o fluxo do rio Cai. Esse monitoramento será feito de duas maneiras. Uma delas, digital, ou seja, empregado instrumentação para medição do nível do rio Caí e o monitoramento analógico, com a utilização de câmeras e réguas.

A ideia desse projeto é enviar dados para a central da Defesa Civil dos municípios de Montenegro, Pareci Novo, São Sebastião do Caí e cidades próximas. Também está previsto o uso de um drone equipado com câmera e instrumento de leitura de nível de rio.

Esse projeto, orçado em R\$ 1 milhão, também contempla a instalação de sistema de sirenes nos bairros alagáveis, assim como o desenvolvimento de um aplicativo para auxiliar na distribuição de mensagem e na apresentação de dados da coleta pelos instrumentos de medição. Essa iniciativa irá permitir o auxílio de 10 mil a 50 mil pessoas

nos alertas climáticos, informando o tamanho da cheia, as cotas previstas e a amplitude da mancha de água. Também irá permitir que prefeituras da região tenham um planejamento para remoção de pessoas, animais e mobiliário, quando necessário. A execução do projeto está prevista para 31 de dezembro.

A ACI – Montenegro também encaminhou outro projeto (aprovado) com o objetivo de instalar 300 bueiros inteligentes em áreas alagáveis do município. A ideia dos bueiros inteligentes prevê uma rotina de limpeza desse sistema para que em períodos de cheia isso seja facilitado, impedindo a entrada de maior parte dos resíduos cheguem à área de drenagem. Estão previstas também melhorias nas caixas de passagem. Esse projeto está orçado em R\$ 680 mil e a previsão de término é para 30 de abril de 2025.

Veja abaixo os 15 projetos:

PROJETO	RESPONSÁVEL	MUNICÍPIO-BASE	ESTIMATIVA	PREVISÃO DE TÉRMINO
Ponte Rio das Antas	ACI - Veranópolis	Veranópolis	R\$ 4 milhões	30/09/2024
Asfaltamento - Entre Vila Flores e Antonio Prado	ACI - Veranópolis	Veranópolis	R\$ 10 milhões	31/01/2025
Santa Clara	Associação Comunitária - Altos de Santa Clara	Encantado	R\$ 1,3 milhão	03/07/2025
Alargamento de Ponte na divisa entre Ponte Preta e Jacutinga	Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponte Preta	Ponte Preta	R\$ 1 milhão	31/03/2025
Ponte - Canhada Funda	CIC - Vale do Taquari	Pouso Novo	R\$ 600 mil	27/11/2024
Sistema de Alarmes e Avisos Montenegro	ACI	Montenegro	R\$ 1 milhão	31/12/2024
Bueiros Inteligentes	ACI	Montenegro	R\$ 680 mil	30/04/2025
Ponte - Roca Sales	Associação Amigos Reconstruindo Roca Sales	Roca Sales	R\$ 2 milhões	30/12/2025
Ponte mista em galeria - Rio Caí	CDL - Nova Petrópolis	Caxias do Sul	R\$ 1,85 milhão	20/09/2024
Ponte São Miguel	CIC - Vale do Taquari	Travesseiro	R\$ 489,6 mil	06/12/2024
Ponte Linha Tunas - Itapuca, Anta Gorda	CIC - Vale do Taquari	Anta Gorda	R\$ 800 mil	30/12/2024
Ponte Linha Usina Ilópolis	CIC - Vale do Taquari	Ilópolis	R\$ 780 mil	30/12/2024
Ponte Linha Miguelzinho	CIC - Vale do Taquari	Putinga	R\$ 780 mil	30/12/2024
Redenção da Barragem Santa Lucia	ACI - Putinga	Putinga	R\$ 1 milhão	30/04/2025
Reconstrução de Ponte - Estrada Julio Schnack	CIC - Vale do Taquari	Arroio do Meio	R\$ 786.420,46	31/12/2024

Somos gaúchos e gaúchas, de alma e coração!



@sounotredame

matriculas.notredame.org.br

- Carazinho
- Rio de Janeiro
- Passo Fundo
- São Paulo



Rede de Educação Notre Dame
Educação sem fronteiras!

RECONSTRUÇÃO

Construção de casas, projetos de educação e de logística unem o Rio Grande do Sul

Novos aportes financeiros para iniciativas de grande impacto foram divulgados recentemente por empresas

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Áreas vitais do Rio Grande do Sul estão recebendo importante ajuda da iniciativa privada, com o objetivo de recuperar o que foi destruído na catástrofe climática, ocorrida em maio deste ano. Uma dessas ações e que ilustra esse protagonismo, em prol da sociedade, é o RegeneraRS, iniciativa idealizada pelo Instituto Helda Gerdau e Gerdau, com coordenação da Din4mo, parceria estratégica da Vale e apoio da Evolure e TozziniFreire.

Agora, novos aportes financeiros para três projetos de grande impacto foram divulgados. De acordo com o coordenador executivo do RegeneraRS, Tarso Oliveira, o Conselho Deliberativo do RegeneraRS deliberou o investimento de R\$ 8 milhões, com potencial de mobilizar até R\$ 200 milhões em soluções para habitação, soluções urbanas e apoio a negócios no Rio Grande do Sul.

A iniciativa, que atualmente conta com R\$ 40 milhões, visa promover a regeneração de áreas diretamente afetadas no Estado, com foco em quatro temáticas: habitação, soluções urbanas, educação e apoio a negócios.

“A iniciativa reflete o compromisso de seus parceiros em proporcionar uma recuperação regenerativa e duradoura para as comunidades atingidas pelas enchentes”, salienta.

O coordenador executivo cita que entre os projetos contemplados está o “Favela 3D”, da Gerando Falcões, que receberá R\$ 1 milhão para promover a revitalização da Vila Costaneira, em Eldorado do Sul. “A área, uma das mais afetadas pelas enchentes, será transformada por meio da construção de novas moradias e

melhorias em infraestrutura básica, como saneamento e pavimentação”, detalha.

O BTG Pactual também contribui com a criação de um Fundo de Investimento em Direitos Creditórios (Fidc), destinado a apoiar micro e pequenos empreendedores. “Com um aporte inicial de R\$ 3 milhões, o fundo oferecerá crédito com condições especiais para sustentar a recuperação de negócios afetados pelas enchentes.”

Além dessas iniciativas, o RegeneraRS já aportou R\$ 4 milhões em projetos do Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Estado do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), do Movimento Brasil Competitivo (MBC), do Sebrae e do Programa de Saúde Mental para Desenvolvimento Profissional Docente, reafirmando seu papel fundamental na reconstrução e regeneração do Rio Grande do Sul.

Oliveira informa que o RegeneraRS está destinando R\$ 2 milhões para a parceria com o Sebrae no Programa Supera Sebrae, criado para ajudar micro e pequenas empresas do Rio Grande do Sul gravemente impactadas pelas enchentes. O programa direciona-se a municípios que decretaram estado de calamidade pública e atua com uma gama de soluções, incluindo diagnósticos e planos de ação personalizados, para apoiar a recuperação dos negócios.

“Com a ajuda de especialistas do Sebrae, os empreendedores recebem orientação estratégica em áreas cruciais, como finanças, marketing e operações, além de apoio para reconstruir e fortalecer suas empresas.”

O programa oferece, além da consultoria especializada, apoio financeiro por meio de reembolso a fundo perdido, com valores que podem variar entre R\$ 3 mil e R\$ 15 mil, dependendo do porte da empresa. “A parceria com o RegeneraRS amplia o alcance do programa, beneficiando um maior número de empresas. Assim, o Supera Sebrae atua não



A Vila Costaneira, em Eldorado do Sul, uma das mais afetadas pela enchente, receberá R\$ 1 milhão para promover sua revitalização

apenas na reconstrução imediata dos negócios, mas também no desenvolvimento sustentável e resiliente das regiões afetadas pelas enchentes, proporcionando um suporte essencial para a retomada econômica dessas comunidades. Para participar, as empresas interessadas devem procurar o Sebrae RS.”

Cinquenta casas em 100 dias

O coordenador executivo explica que o Projeto 2 por 1, liderado pelo Sinduscon-RS, é uma resposta direta à devastação causada pelas enchentes de maio de 2024, com o objetivo de reconstruir lares para as famílias afetadas. Através de um método construtivo inovador, que permite a construção de uma casa em apenas dois dias, o projeto se destaca pela sua rapidez, baixo custo e escalabilidade.

Com essa abordagem, é possível construir mais casas em menos tempo, garantindo que um maior número de famílias possa ser atendido de forma ágil. As novas moradias seguem todos os padrões de qualidade e segurança, proporcionando dignidade e um novo começo às famílias desabrigadas. Através da mobilização de parceiros e doadores, o Sinduscon-RS utiliza sua expertise no setor da construção civil para tornar viável a construção de casas modulares. O objetivo é construir 50 casas em 100 dias, com um investimento estimado de R\$ 8 milhões, financiado por doações. O RegeneraRS está investindo R\$ 1 milhão na iniciativa.

Saúde mental na Educação

Oliveira informa que o

RegeneraRS vai apoiar o Programa de Saúde Mental para Desenvolvimento Profissional Docente com um aporte de cerca de R\$ 445 mil. O programa foi criado pela organização Reinventando a Educação, em resposta ao aumento de problemas de saúde mental entre os educadores, agravados pela tragédia climática no Estado.

A iniciativa, de caráter inter-setorial e abrangente, visa promover o bem-estar mental dos profissionais da educação por meio de uma plataforma conversacional. Nessa plataforma, os educadores têm acesso a autoavaliações, jornadas temáticas com conteúdos multimídia e suporte contínuo por um assistente digital, além de atendimento psicológico especializado por telefone, e-mail e chat. O objetivo central é oferecer um espaço acolhedor para que os professores possam expressar suas emoções e encontrar apoio, enquanto são orientados em relação ao autocuidado e à psicoeducação.

O programa busca mapear a saúde mental dos educadores para direcionar ações mais eficazes, além de reduzir o absenteísmo e melhorar a produtividade no ambiente escolar. Ao promover o desenvolvimento de competências socioemocionais e oferecer encaminhamentos para cuidados especializados, quando necessário, o programa impacta diretamente na qualidade de vida dos profissionais e na qualidade do ensino.

Mais do que uma ação isolada, esta iniciativa representa um investimento estrutural na saúde mental dos educadores, contribuindo para um ambiente escolar

mais saudável e para a implementação de políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento profissional docente no Rio Grande do Sul.

Com o investimento de R\$ 500 mil do RegeneraRS, o Movimento Brasil Competitivo (MBC) contratou a consultoria Macroplan para ajudar a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul a lidar com os desafios impostos pela crise climática. O foco principal do projeto é a recuperação rápida das atividades escolares, com especial atenção ao apoio sócio emocional, à reforma e reconstrução de escolas, e à criação de um plano estratégico de longo prazo para o sistema educacional.

O apoio psicológico será oferecido à comunidade escolar afetada pela crise, enquanto as escolas danificadas serão mapeadas para uma reforma sustentável. Além disso, será desenvolvido um plano estratégico focado no Ensino Médio e na qualificação profissional, preparando os jovens para os desafios futuros.

O projeto será implementado em três fases: emergencial, que visa ações imediatas como o apoio psicoemocional e a captação de recursos; de volta à normalidade, com a criação de um escritório de projetos para garantir a retomada das atividades escolares; e a de construção do futuro, com o desenvolvimento de um plano de longo prazo para fortalecer a educação no estado. A contratação da Macroplan pelo MBC demonstra um compromisso em apoiar a educação no RS, garantindo resiliência e qualidade mesmo diante de adversidades climáticas.

EVENTOS

Desfile de 20 de Setembro retoma apresentação temática

Organização do evento estima que cerca de 1 mil pessoas devem participar das apresentações

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Sob a temática da reconstrução, o Desfile de 20 de Setembro deste ano em Porto Alegre busca recuperar a autoestima dos gaúchos, abalada pela catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul no mês de maio. A organização do evento estima que cerca de 1 mil pessoas devem participar das apresentações, que poderão ser conferidas pelas arquibancadas situadas na avenida Edvaldo Pereira Paiva (Beira-Rio), na Capital, a partir das 8h30min.

Segundo a produtora artística do ato, Lara Lindemeyer, a marcha será dividida em três

momentos, iniciando pelo ato cívico-militar (com a revista do governador Eduardo Leite), seguido pela parte temática e desfile tradicional.

“Será a retomada deste espetáculo como nós fazíamos antigamente, com seis carros temáticos. Do primeiro ao quinto será feita a homenagem ao patrono dos Festejos Farroupilhas, Jayme Caetano Braun. O sexto vai destacar a importância da reconstrução do RS frente à calamidade que nos atingiu, com cerca de 200 bandeiras de municípios que estarão representados ali”, explica a profissional.

Também haverá uma representação de entidades tradicionalistas que abriram seus espaços para abrigar e distribuir donativos aos afetados pelas cheias. Conforme explica Lara, a ideia é levar para a avenida o positivo da reconstrução: a união, o

trabalho, a representatividade e a força dos gaúchos.

O vice-presidente da comissão estadual dos Festejos, Ronaldo Bastos, ressalta também que uma parte da parada será dedicada ao disco Troncos Missioneiros, lançado em 1988, que reúne músicas de quatro artistas nascidos na região missioneira do Rio Grande do Sul: Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, Pedro Ortaça e Cenair Maicá. Além disso, o desfile antecipará a celebração dos 400 anos das Missões, prevista para 2026, homenageando a diversidade e os povos originários do Estado, os indígenas.

Segundo a presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTB), Ilva Maria Borba Goulart, a entidade esteve junto da comunidade em todos os momentos difíceis vividos pelo Estado neste ano: “Foi desse protagonismo a nossa motivação de criar um



Neste ano, a temática da reconstrução permeará as atividades em Porto Alegre

programa de Turismo para os CTGs. Também com esse ímpeto, o MTG iniciou os Festejos Farroupilhas com a geração e distribuição da Chama Crioula em Alegrete na 3ª Capital Farroupilha, chegando a todas as querências a patas de cavalos”.

Na avaliação do secretário estadual de Turismo, Ronaldo Santini, uma das grandes possibilidades de se incrementar o número de visitantes ao Estado é justamente investir na cultura.

“A gente sabe que a diversidade da nossa cultura é muito grande, e também sabe da carência dentro do setor na valorização dos nossos artigos locais. Por isso, pretendemos imprimir um ritmo melhor, ampliando a ação da arte de bombacha e estendendo também ao rock gaúcho, ao sertanejo gaúcho, ao pagode gaúcho. Com esta tragédia que vivemos, percebemos o carinho que o resto do Brasil tem por nós”, conclui o titular da pasta.

O Transporte Rodoviário de Cargas promove a integração econômica do RS

Presença marcante na história do desenvolvimento de nossa terra, os Transportadores Gaúchos realizaram mais de 3 mil viagens solidárias, em caráter emergencial, pra abastecer as comunidades que foram devastadas pela enchente de maio.

Hoje comemoramos o 20 de Setembro com a certeza de que juntos somos mais fortes. Estamos superando esta situação ainda mais unidos e resilientes.



20 DE SETEMBRO

A guerra de uma década que forjou a identidade gaúcha

Juliano Tatsch

juliano@jornaldocomercio.com.br

“Foi o 20 de Setembro, o precursor da liberdade”.

No ano que vem, completam-se 180 anos do fim do conflito que forjou uma cultura. Durante 10 longos anos, entre 1835 e 1845, os campos do Pampa gaúcho se tornaram cenários de batalhas e pelejas, onde o tilintar das espadas se chocando se misturou com os estampidos e explosões dos canhões e pistolas. O sangue que manchou a terra desenhava uma tradição e escreveu um dos capítulos mais extraordinários da história gaúcha e brasileira.

A Guerra dos Farrapos está presente no dia a dia dos gaúchos. Em Porto Alegre, por exemplo, basta um passeio pelas vias da cidade para se cruzar pela avenida Bento Gonçalves, pelas ruas Anita Garibaldi e Vicente da Fontoura, pela avenida Farrapos e por tantas outras ruas e logradouros públicos espalhados pelos quatro cantos do município.

A Revolução Farroupilha foi a mais longa das guerras civis já travadas em território brasileiro. Durante uma década, brasileiros enfrentavam brasileiros em um conflito que, ainda que longo, deixou um número de mortos relativamente pequeno, entre 2,9 mil e 3,4 mil pessoas – menos de uma vítima fatal por dia.

A guerra em si se dava de diversas maneiras, seja por meio de emboscadas, pequenas e médias

escaramuças, confrontos navais e de artilharia com canhões, até grandes embates em campo aberto com soldados se enfrentando com espadas e armas de fogo a cavalo ou a pé.

Composta por hábeis cavaleiros, homens acostumados com a lida do campo, com a doma e o pastoreio, conhecedores do terreno, a cavalaria dos Farrapos era temida e respeitada, como registrou Giuseppe Garibaldi em carta enviada a Domingos José de Almeida em setembro de 1859, na qual, saudosamente, relembra o período em que atuou junto com os farroupilhas 17 anos antes.

“Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes que os da bela Cavalaria Rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vezes tenho tentado patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril destemida gente, que sustentou por mais de nove anos contra um poderoso Império a mais encarniçada e gloriosa luta.”

Os líderes farroupilhas eram homens, em sua maioria, de poses. Proprietários de terras, escravocratas, criadores de gado e militares com patentes altas no Exército imperial brasileiro faziam parte de uma elite rural do Rio Grande do Sul.

Elite essa que se via escorçada pelos altos tributos cobrados pelo poder central do charque



GUILHERME LITRAN/REPRODUÇÃO/JC

Guerra dos Farrapos está presente no RS através de nomes de vias, como Bento Gonçalves, Anita Garibaldi e Vicente da Fontoura

produzido por aqui e que era o motor da economia da Província de São Pedro do Rio Grande, nome que o Rio Grande do Sul tinha na época.

O charque do Sul do País – produzido com mão de obra escravizada – alimentava a produção nacional de café e de cana do centro do Império, mas os produtores gaúchos viam a carne uruguaia e argentina entrar no Brasil a preços muito menores, estabelecendo-se, assim, uma concorrência desleal entre o charque gaúcho e o

charque importado.

Um dos pedidos recorrentes dos estancieiros gaúchos era pela taxa da carne importada, aumentando, dessa maneira, a competitividade e a atratividade do produto brasileiro. Entretanto, isso não era do interesse dos fazendeiros paulistas e mineiros, que tinham na compra do charque de fora um negócio mais lucrativo e não queriam ver suas receitas caírem para satisfazer as demandas dos produtores do Sul.

Somado a isso, existia

também, de fundo, um crescente desejo por mais autonomia para as províncias em relação ao poder central, naquele momento exercido pelos regentes, já que o jovem imperador Dom Pedro II tinha apenas nove anos de idade.

Descontentamentos em razão da cobrança de impostos, porém, por si só, sempre existiram e seguem existindo e nunca foram motivo suficiente para originar uma revolta armada. Assim, o contexto político local na época envolvia outras nuances.

Ao Sul do Brasil, um pedaço de terra sempre em conflito

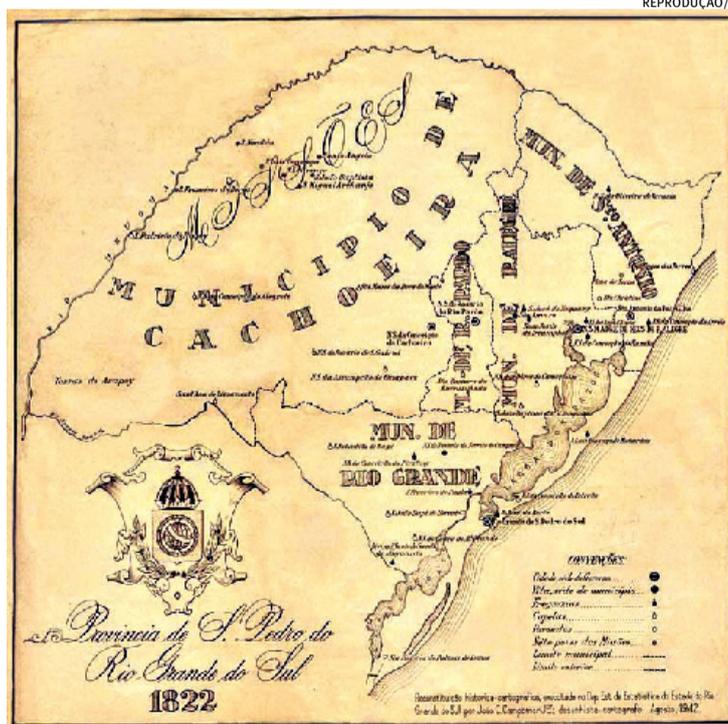
O Rio Grande do Sul sempre foi uma parte do território brasileiro que deu dor de cabeça ao Império, tanto antes quanto depois da independência proclamada em 7 de setembro de 1822. Fazendo divisa com a América espanhola (Argentina e Uruguai), a região fronteira vivia em estado de permanente tensão, com disputa pela posse da terra e invasões e confrontos fazendo parte do dia a dia dos que ali viviam.

Érico Veríssimo retratou bem esse cenário em seu livro *O Continente*, parte da trilogia *O Tempo e o Vento*. “Escuta o que vou lhe dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebentava uma guerra ou uma revolução... Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como um burro de

carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevideú. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança.”

Uma década antes dos acontecimentos de 1835, a região vivera uma guerra que deixou uma cicatriz permanente no Império brasileiro, resultando, em 1825, na separação da Província Cisplatina, que pertencia ao Brasil, e se tornou o independente Uruguai.

A separação ampliou o desgaste entre os estancieiros e charqueadores do RS e o império, que se via em meio a uma espécie de cabo de guerra que pendia fortemente para o lado dos paulistas e mineiros.



REPRODUÇÃO/JC

Rio Grande do Sul sempre foi uma parte do território brasileiro que passou por conflitos

A transformação que colocou o gado no centro da economia do RS

O Rio Grande do Sul passou por uma profunda transformação em sua economia no começo do século 19, com os campos de trigo perdendo espaço e relevância para a pecuária de corte.

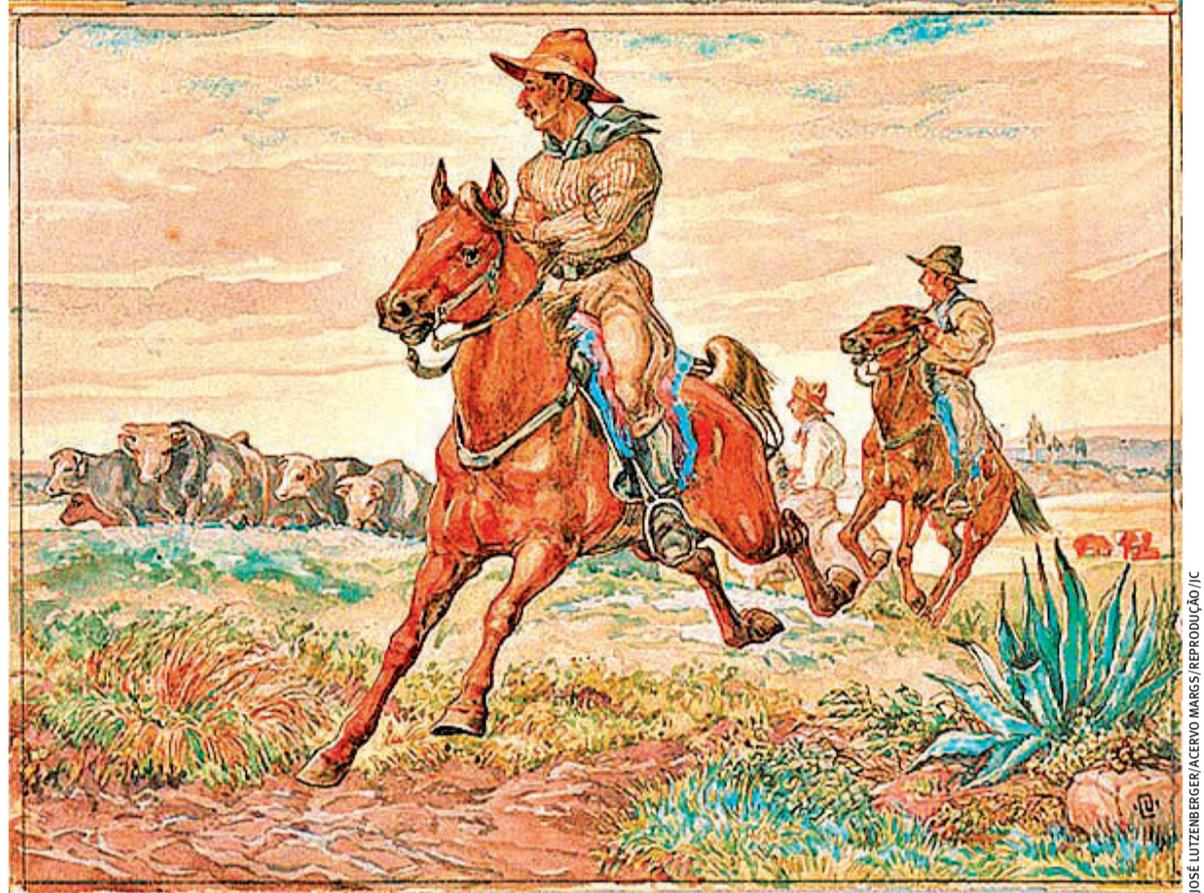
O sociólogo e ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso trata desse momento no RS em seu livro *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, lançado em 1962 como resultado de sua tese de doutorado. “O novo período da economia rio-grandense foi, pois, o do gaúcho, do tropeiro, do militar, do antigo colono ou do administrador colonial – frequentemente uns e outros tipos sociais representados pelo mesmo homem - que se transformou em estancieiro”, aponta FHC.

Em seu livro, o ex-presidente brasileiro reproduz uma passagem registrada pelo naturalista

francês Auguste Saint-Hilaire que, em viagem pelo Estado por volta de 1820, pontuou quem eram os criadores de gado na província e como a atividade pastoril era realizada. “Os homens ricos desta Capitania são os possuidores de rebanhos, aos quais não dão cuidado algum e que se multiplicam facilmente”, apontou.

Em contraposição ao modelo econômico sulista, a base da economia brasileira na época era a produção de café e de cana de açúcar. O charque gaúcho não era visto como um ativo importante por parte do poder central, tendo um papel significativo – o de alimentar os escravizados das lavouras de cana e fazendas de café do centro do País –, mas secundário.

Assim, a política econômica imperial atendia prioritariamente



Carne produzida no Estado era tributada até nas vendas para outras províncias do País, onde predominavam café e cana de açúcar

aos interesses de paulistas e mineiros, que desejavam pagar o menor preço possível pela carne que alimentaria os negros escravizados. A demanda gaúcha por

mais protecionismo comercial tinha sentido, na medida em que o charque oriundo da Argentina e do Uruguai pagava pequenas taxas alfandegárias para ingressar

no Brasil. Por outro lado, a carne produzida no RS era tributada até nas vendas para outras províncias do País. Esse foi o estopim para a guerra.

MARSALA
Qualibread

MARSALA

Cada passo ao lado do Rio Grande é uma nova conquista.

Marsala e Qualibread,

unidas por um futuro de crescimento e novas façanhas!

20 DE SETEMBRO

O mito do gaúcho como herói formador do Rio Grande do Sul

A mudança na economia, se não fez surgir, deu mais destaque à figura que originou o mito do gaúcho. Conforme o historiador e especialista em história do Rio Grande do Sul, Moacyr Flores, a lenda do cavaleiro gaúcho, como herói formador do RS, surgiu com a literatura romântica no final do século XIX. “O herói formador de todas as culturas possui elementos de um arquétipo universal: é corajoso, hospitaleiro, honesto, sacrifica-se pelos amigos, luta contra o mal e não teme a morte. São atributos do herói grego, do cavaleiro medieval, do formador do clã africano, do formador do clã dos índios e do gaúcho, tanto brasileiro, argentino ou uruguaio”, aponta.

A origem do termo “gaúcho”, inclusive, difere muito do

significado que a palavra ganhou com o tempo e o qual é usado atualmente. O gaúcho original era uma espécie de bandoleiro, um homem que ganhava a vida roubando gado e negociando o couro, levando terror aos proprietários de terra e criadores. Conforme Flores, em 1750 apareceram os termos gaúcho e gaudério para designar “esses marginais que viviam da pilhagem na capitania de Rio Grande de São Pedro”. Durante a Revolução Farroupilha, inclusive, o termo gaúcho tinha sentido pejorativo, aponta o historiador. “O gauchismo nada tem a ver com a Revolução Farroupilha, porque, na época, o gaúcho era um marginal. Nem os imperiais, nem os farroupilhas queriam os gaúchos”, destaca, ressaltando



O termo original era de uma figura bem diferente da representada atualmente, inclusive pejorativo, apontam historiadores

que a construção da identidade de um povo, como o rio-grandense, é memória e não história. Moacyr Flores salienta que o mito não é uma mentira, e sim uma interpretação de uma realidade. “A construção do gaúcho mítico partiu do real e se

tornou plausível com referenciais históricos, passando no decorrer do tempo a ser considerada como conhecida de todos, embora seja uma criação que se processou lentamente, até se tornar anônima, formando uma tradição de geração em

geração”, aponta.

O historiador afirma ainda que o regionalismo rio-grandense surgiu dentro da corrente do Romantismo, “influenciada pelas ideias de federação dos liberais moderados e farroupilhas”.



Lanceiros Negros também foram protagonistas na Revolução Farroupilha

A bravura e a participação dos Lanceiros Negros

A participação do povo negro na Revolução Farroupilha ficou marcada por parte dos combatentes que atuavam com lanças. Era um grupo que se destacava e ficou conhecido como Lanceiros Negros.

Apesar de ter sido escrita por incontáveis atos de bravura e coragem, a Revolução Farroupilha também carrega a mancha de uma das passagens mais tristes da história do Rio Grande do Sul. Era novembro de 1844, a guerra já se arrastava há nove anos e se encaminhava para o final, com negociações de paz em andamento. Na madrugada do dia 14, em Cerro de Porongos, área que hoje pertence ao município de Pinheiro Machado, uma emboscada realizada pelas tropas imperiais comandadas por Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, dizimou um grupo com centenas de soldados negros que faziam parte do grupo liderado por David Canabarro.

Uma corrente de historiadores defende que Canabarro teria facilitado o ataque imperial, tendo sido previamente avisado do avanço dos inimigos e desarmando os soldados negros, deixando-os à mercê do massacre que ocorreu. Não há certeza acerca dos motivos que teriam levado o general Farrapo a trair seus

soldados. Documentos e relatos orais indicam que Canabarro desejava o fim do conflito, e a derrota em Porongos enfraquecia os Farrapos, facilitando a assinatura da paz. O historiador Moacyr Flores aponta que os negros foram traídos porque o comandante das forças imperiais, o Barão de Caxias, tinha ordens de não lhes conceder anistia. Assim, com a eliminação dos negros, um dos principais entraves às conversações de paz deixaria de existir.

A exigência da libertação dos negros feita pelos Farroupilhas não era aceita pelo Império, que não queria antecipar um movimento abolicionista no País, o que impactaria sobremaneira a economia cafeeira e da cana de açúcar. Há correntes de historiadores que indicam que não houve traição por parte da Canabarro e que ele teria sido pego de surpresa pelo ataque. Uma carta supostamente escrita por Caxias para Moringue indicando um ataque é o documento mais forte da tese da traição, pois, no texto, Caxias apontava que o cenário havia sido combinado com Canabarro. Esses pesquisadores questionam a autenticidade da carta, que poderia ter sido forjada para desacreditar a figura do general Farroupilha.

Protagonistas da Revolução

A Guerra dos Farrapos foi feita por homens e mulheres valentes que, descontentes com o modo como o poder central do Império tratava a província mais ao Sul do País, decidiram enfrentar o poderio militar e se rebelar contra injustiças, protagonizando aquela que foi a página mais marcante da história do Rio Grande do Sul.



BENTO GONÇALVES DA SILVA

Nascido em Triunfo, em 23 de setembro de 1788, Bento Gonçalves da Silva se tornou o símbolo da bravura do gaúcho diante das injustiças do poder do centro do País. Líder maior da Revolução Farrroupilha, foi o primeiro presidente da República Rio-Grandense. Militar do Império, Bento se destacou nas campanhas da Cisplatina, sendo alçado ao posto de Coronel de Estado-Maior.



ANTÔNIO DE SOUZA NETTO

O rio-grandino Antônio de Souza Netto foi uma figura central na revolta, tendo sido ele o responsável pela proclamação da independência do Estado e consequente criação da República Rio-Grandense. Coronel do Exército imperial, tornou-se general das armas rebeldes. Exímio cavaleiro, comandou o cerco a Porto Alegre. Após a guerra, seguiu prestando serviços militares ao Brasil.



ANITA GARIBALDI

Sinônimo de coragem e abnegação na luta por seus ideais, a catarinense Ana Maria de Jesus Ribeiro viu o rumo de sua vida se alterar completamente ao conhecer o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, em 1839, aos 18 anos. A partir dali, Anita o acompanhou durante toda a vida, ficando marcada pela sua bravura e espírito indômito em grandes batalhas navais, como a de Laguna.



DOMINGOS JOSÉ DE ALMEIDA

Empresário de sucesso, dono de uma companhia de navegação, o mineiro Domingos José de Almeida foi um dos intelectuais da revolta, sendo o responsável pela ata da reunião que decidiu pelo início da Revolução. Assinou o decreto que criou a bandeira farrroupilha e foi ministro da Fazenda e do Interior da República Rio-Grandense. Na revolta, foi responsável pelo parque bélico dos farrapos.



DAVID CANABARRO

Possivelmente a figura mais controversa da Revolução, Canabarro nasceu em 22 de agosto de 1796, em Taquari. Militar imperial, atuou como tenente ao lado de Bento Gonçalves na Guerra da Cisplatina (1825-1828), que culminou com a independência do Uruguai do Brasil. Canabarro comandou as tropas a partir de 1843, tendo sido responsável pela negociação do Tratado de Ponche Verde.



GIUSEPPE GARIBALDI

O herói de dois mundos, alcunha recebida em razão de suas missões na Europa e na América, Garibaldi dedicou sua vida à luta pela liberdade. Figura fundamental na unificação italiana, Garibaldi se aproximou dos Farrapos ao conhecer o jornalista Luigi Rossetti no Rio de Janeiro, durante seu primeiro exílio. Ainda no Rio, conheceu Bento Gonçalves, que lhe concedeu uma carta de corso.



JOÃO MANUEL DE LIMA E SILVA

Apesar de ser dois anos mais jovem, João Manuel de Lima e Silva era tio do comandante das forças imperiais durante a guerra, o Barão de Caxias Luís Alves de Lima e Silva. Junto com Bento Gonçalves, foi denunciado junto à Corte por conspiração com vistas a separar o Rio Grande do Sul do restante do Brasil. Assim como Bento, foi absolvido e retornou para o Estado.



JOSÉ MARIANO DE MATTOS

O carioca havia sido condecorado cavaleiro pelo império em razão dos serviços prestados quando da independência brasileira em 1822. Chegado ao RS em 1830, possuía o posto de major imperial. Eleito deputado na primeira legislatura da Assembleia Provincial, participou da reunião em 18 de setembro de 1835 que decidiu pelo início da Revolução. Foi ministro da Guerra e da Marinha.

Celebração no Acampamento Farrroupilha ocorre desde 1987

O Acampamento Farrroupilha, que, neste ano, recebe 187 piquetes, prevê mais de 120 atrações musicais durante os 16 dias do evento, que termina no domingo, 22 de setembro.

O Acampamento tem origens no início dos anos 1980. Desde 1981, com a criação do Parque da Harmonia, na região central de Porto Alegre, grupos se dirigem ao local alguns dias antes do 20 de Setembro para confraternizar.

Oficialmente, a primeira edição do Acampamento ocorreu em 1987, quando o Harmonia recebeu o nome de Parque Maurício Sirotsky Sobrinho.

De lá para cá, os festejos seguiram ininterruptamente durante o Mês do Gaúcho, com uma única exceção. Em 2020, a prefeitura da Capital não realizou o evento em razão da pandemia de Covid-19. No ano seguinte, em 2021, ainda em meio à pandemia, o Acampamento teve uma formatação diferente, com acesso restrito, mas aconteceu.

Neste ano, o evento ocorre diariamente das 9h à meia-noite, com entrada de pedestres gratuita e diversas atrações, com destaque para o pavilhão da Agricultura Familiar, tradicional na Expointer.

Seguindo a temática da retomada, a edição deste ano do Acampamento arrecadou doativos como alimentos não perecíveis, produtos de limpeza e itens elétricos e domésticos para as vítimas das chuvas.

NutriMate

A sua erva-mate

nutrimate@nutrimate.com.br

[nutrimate_bah](#)

20 DE SETEMBRO

Tradicionalismo movimentou R\$ 4,5 bilhões em 2023

TÂNIA MEINERZ/JC



Pesquisa pioneira identificou o impacto da tradição na economia gaúcha, o que inclui rodeios, festas, cavalos e erva-mate

Eixos do tradicionalismo e o valor movimentado em 2023

- Rodeios: R\$ 2 bilhões
- Festas: R\$ 613,4 milhões
- Música: R\$ 220 milhões
- Cavalo crioulo: R\$ 1 bilhão
- Radiodifusão: R\$ 2,3 milhões
- Projetos culturais: R\$ 65,8 milhões
- Erva-mate: R\$ 396 milhões
- Cutelaria: R\$ 96 milhões
- Churrasco: R\$ 106,5 milhões

O tradicionalismo gaúcho bebeu de fontes do passado, mas ganhou corpo na segunda metade dos anos 1940. Naquela época e nos anos anteriores, os regionalismos no Brasil haviam sido abafados pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que pregava um nacionalismo uniforme, com a exaltação do País e não dos estados.

Em setembro de 1947, porém, um grupo de estudantes secundaristas liderado por João Carlos D'avilla Paixão Cortes fundou o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. A partir dali o tradicionalismo escalou em tamanho e relevância, movimentando

significativamente, inclusive, a economia do RS.

Uma pesquisa coordenada pela Universidade Feevale, em parceria com o governo do Estado, mostra que, em 2023, o impacto do tradicionalismo na economia estadual chegou a R\$ 4,5 bilhões. A pesquisa pioneira, denominada "A participação

do Tradicionalismo no Produto Interno Bruto do Rio Grande do Sul", é a primeira que mostra o tradicionalismo como um setor produtivo e que se dedicou ao mapeamento de eventos, como rodeios e festas, a itens culturais, como pilchas e alimentos. O estudo ocorreu de julho de 2023 a abril de 2024, com nove eixos.

Expediente

● **Editor-chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) ● **Editor-executivo:** Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br) ● **Editores de Economia:** Fernanda Crancio

● **Reportagem:** Juliano Tatsch, Loraine Luz, Maria Amélia Vargas e Osni Machado ● **Diagramação:** Luís Gustavo Van Ondheusden

Guiado pela solidariedade e pelo orgulho de ser gaúcho, o Recreio da Juventude mantém vivos a tradição e o espírito de união e bravura que marcam o povo do Rio Grande do Sul.

